

O LEGADO DA ÁSIA

Por Adriano Silva, de Kyoto

SUMÁRIO

OPOSIÇÃO NO PLANETA
CAPITALISMO ADAPTADO
FIEL DA BALANÇA
QUATRO VITÓRIAS
IMBECIS COMPETENTES

OPOSIÇÃO NO PLANETA

A oposição ocidente e oriente é uma das formas clássicas de discernir e entender o mundo. Ocidente significa basicamente a civilização europeia cujo cerne estão as nações colocadas ao norte e a oeste do velho continente mais os Estados Unidos (País que, como diz Eric Hobsbawm, “apesar de suas muitas peculiaridades, é a extensão da Europa no além-mar”). Oriente significa o extremo leste da Ásia, simbolizado por Japão e China. Recentemente, o termo tem compreendido também o Sudeste Asiático, que pode ser descrito como a soma dos países do NIEs (Newly Industrialized Economies) com os do grupo Asean (Association of the South-East Asian Nations).

Esse modo de ver o planeta é corroborado pela análise econômica. Afinal, o corte é preciso em discriminar os países relevantes para a economia mundial daqueles que não o são. América Latina e África não têm de fato um assento nas dependências do termo Ocidente. O Oriente Médio e os demais países asiáticos, da mesma forma, estão excluídos da acepção essencial do termo Oriente. Essas regiões, tidas pelos países centrais como arrabaldes atrasados, exóticos, corruptos e beligerantes do planeta, vagam no limbo denominado Terceiro Mundo. Entre elas e a combinação dos países do Ocidente e do Oriente – triângulo Estados Unidos-Japão-Europa mais boa parte das economias desenvolvidas – estão a Oceania, que significa basicamente Austrália e Nova Zelândia, e a Rússia. Os países da Oceania, a exemplo do que ocorre com o Canadá, são também projeções geográficas e culturais da Europa. E, como a Rússia, eles nem estão fincados em regiões efervescentes do planeta nem podem ser considerados periféricos.

CAPITALISMO ADAPTADO

A dualidade Ocidente e Oriente é ainda corroborada pela análise cultural. A civilização europeia até hoje desenvolve o projeto iluminista de sociedade – aquele mesmo que montado no racionalismo e na ciência pôs fim aos 1000 anos de obscurantismo religioso da Idade Média. É desse arcabouço filosófico que advêm idéias como democracia, direitos individuais, liberalismo econômico, liberdade de expressão. O Ocidente, portanto, vem polindo há séculos um jeito próprio de fazer as coisas e de pensar o mundo. O estilo ocidental gerou, entre outras coisas, a revolução industrial, os sistemas políticos abertos e hoje equipam qualquer nação minimamente civilizada, o conceito de igualdade entre os cidadãos e o advento de governos contratuais e eleitos; não vitalícios nem impostos à força.

Desde a "Era das Luzes" até praticamente a metade do século XX, com especial ênfase à época de expansão imperialista da Europa, a lógica iluminista da civilização europeia esteve muito próxima de transformar-se na fórmula única para uma sociedade alcançar prosperidade econômica, justiça social e justeza política. O ocidente orgulhava-se de sua conduta e a impunha ao planeta. Às vezes por conta da maior eficiência de seus sistemas econômicos, às vezes por força de seu poderio militar.

A transformação do Japão na primeira nação a se industrializar e a se desenvolver economicamente fora dos limites da civilização europeia chacoalhou as verdades que sustentavam aquele quadro. Então a prosperidade já não era uma característica típica do branco europeu. O capitalismo apregoado pelo ocidente ganhou uma adaptação livre, muito diferente do liberalismo anglo-saxônico presente na social-democracia da Europa continental. E uma versão que, embora esdrúxula na teoria, por ainda adicionar à mistura doses consideráveis de socialismo, na prática dava muito certo e deixava a todos no planeta boquiabertos, pelos níveis de eficiência atingidos e pela rapidez com que o povo japonês enriquecia.

FIEL DA BALANÇA

Estava inaugurado o estilo oriental de fazer negócios e gerar prosperidade – que muitos chegavam a cogitar mesmo ser um aprimoramento do capitalismo praticado no Ocidente. Um jeito de fazer as coisas que entre o fim da Segunda Guerra e o início da década de 90 originou uma horda de seguidores, muitos deles alcançando reproduzir vários dos números japoneses. Para esses países, todos situados na Ásia, o futuro deixou de ser a contemplação de um Ocidente distante e até certo ponto invasivo, e passou a significar a implantação do modelo japonês, cuja relativa

proximidade geográfica e cultural só fazia aumentar a impressão de que era uma via factível de desenvolvimento econômico rápido e adequado às condições regionais.

Ocidente e Oriente rivalizaram em seus diferentes estilos até que em meados de 2002 a crise asiática emergiu com o *débâcle* do *baht* na Tailândia. O furacão que girou pelo Sudeste Asiático desde então, e do qual todos esperavam já ter visto os meneios mais violentos, jogou sérias dúvidas sobre a qualidade daquilo que estava no cerne do estilo oriental de organizar uma economia e de desenvolver uma nação. O ocidente acompanhou tudo com interesse. E outra vez teve a chance de colocar a si e a seu estilo como o fiel da balança para o planeta. A situação, apesar disso, não lhe é confortável. A globalização, que também é produto do ideário liberal da civilização européia, costura juntas, cada vez mais, todas as economias do planeta.

QUATRO VITÓRIAS

A despeito do estado de alerta, no entanto, é possível perceber uma certa satisfação do Ocidente em assistir ao estilo oriental beijar a lona. O FMI chega à região com duas tarefas. A primeira é representar os interesses do capital de Europa e Estados Unidos para o qual não interessa uma intensificação da crise. A Segunda é decretar a supremacia do estilo ocidental de gerenciamento econômico. Com uma mão, o fundo e o Banco Mundial estendem ajuda financeira aos desesperados. Com a outra, exigem deles uma meia-culpa e uma reorganização de suas economias, que rompa com o estilo oriental e que alinhe seus futuro pela régua da civilização européia.

De certa forma, essa é a quarta grande vitória do liberalismo anglo-saxão no século. A primeira foi a vitória na Segunda Guerra e a destruição das forças nazifacistas na Europa – com a ajuda imprescindível de Moscou. A segunda foi a derrocada do comunismo, ao final dos anos 80. A terceira está sendo a falência progressiva do *welfare state* social-democrata europeu. E a quarta, a queda do capitalismo, de estilo oriental, representada pela estagnação da economia japonesa, que já dura mais de meia década, e pela própria crise asiática. Isso significa que as alternativas ao projeto liberal foram ruindo uma a uma. É possível que a partir de agora, é durante os primeiros anos do século XXI, o grande perigo a rondar essa admirável lógica econômica seja precisamente a unanimidade que se forma à sua volta.

O que tombou no Sudeste Asiático, junto com as moedas, foi um estilo que acreditava serem virtudes particulares. Essa queda-de-braço ideológica era boa. A cartilha ocidental execrava, por exemplo, a relação incestuosa entre poder político e poder econômico na região. A falta de um limite claro separando a burocracia estatal, os políticos e as grandes corporações no Japão; ou o governo e os conglomerados na

Coreia; ou mesmo o Tesouro Nacional e a conta corrente do presidente Suharto na Indonésia. A falta de limites para aquilo era vista como heresia pelos observadores ocidentais. Na melhor das hipóteses, aparecia como excentricidade de países cujo crescimento econômico acontecia mais rapidamente do que o amadurecimento político. Também desagradava à civilização ocidental a supressão dos conflitos, o tráfico de influências e a falta de transparência dos acordos fechados entre quatro paredes. O que para o Ocidente era propina e corrupção, para os orientais eram apenas hábitos milenares de dar e receber presentes como afirmação de lealdade e consideração recíproca.

Era difícil enunciar a crítica a tudo isso. Afinal, aquilo que a civilização européia considerava maus hábitos era visto na região como um feixe de tradições a serem preservadas. Práticas que apareciam tortuosas a olhos ocidentais eram afixadas no peito pelo Oriente, como distintivos de uma região que se orgulhava de ter inventado seu próprio modelo de desenvolvimento, seu próprio estilo de fazer a roda da fortuna girar. Além disso, os números mais aparentes depunham a favor do estilo oriental (embora houvesse também muitos números estropiados, colocados de lado, como a crise asiática revelou).

Ou seja: precisamente os resultados, conceito tão caro ao capitalismo anglo-americano, esvaziavam de modo indelével a argumentação ocidental. Como deplorar a semi-ditadura de um lugar como Cingapura quando ela apresentava níveis de criminalidade tão baixos e índices de segurança e de honestidade média do cidadão tão altos? Com que autoridade um observador vivendo em Washington ou Londres poderia tocar nesse assunto com os administradores daquela cidade-nação? Seguramente, ele receberia como resposta uma preleção sobre como reduzir a insegurança em sua própria cidade. Como desfazer da lassidão financeira de um país como a Tailândia, quando desde a década de 70 ela vinha mantendo índices anuais de crescimento da economia superiores a 7%?

O turbilhão das economias no Sudeste Asiático, portanto, está finalmente abrindo uma brecha para que a civilização européia aporte na região com sua lógica e diga o que estava prendendo na garganta havia anos: em questões econômicas, amigos, reduzam urgentemente a influência de Confúcio. E preencham o vácuo com muito Descartes, Voltaire, Locke, Adam Smith. O sonho, como vocês o vislumbravam até a metade desta década, acabou!

Claro que Cingapura e Taiwan – e mesmo Hong Kong e Japão – ainda seguram com brio muitas bandeiras do estilo oriental. E há a China, que apesar de ter recebido em Janeiro de 1998 uma visita preventiva do FMI parece ainda ter muito a caminhar antes de atingir um platô em sua trajetória de crescimento. Mas o fato é que a

caminhar antes de atingir um platô em sua trajetória de crescimento. Mas o fato é que a crise asiática daquele ano, demonstrou que, em um mundo de economias globalizadas, um ponto de equilíbrio terá de ser encontrado entre os estilos ocidental e oriental. E esse ponto parece estar muito mais próximo da ponta ocidental, onde reside o projeto de sociedade da civilização européia, do que da ponta oriental. A globalização econômica e cultural em curso tem um cunho anglo-americano bastante acentuado e, ao que tudo indica, chegaremos ao final desta década com uma definição razoavelmente clara do que são virtudes e do que são vícios na administração de uma economia. Tudo sugere que o mundo cada vez mais caminhará balizado pelo conceitos de individualismo (pluralismo de idéias e atitudes, oportunidades iguais dadas a todos os jogadores), direitos civis (prerrogativas civis inalienáveis dos cidadãos), competição (força fundamental que garante o equilíbrio econômico e a satisfação das necessidades), estado pequeno (governo compacto, fiscalizador eficiente e rigoroso, cuja interferência na vida cotidiana do país acontece como exceção e não como regra). Justiça ágil (solução rápida das disputas e utilização de contrato entre as partes como forma de selar acordos) e especialização científica (universalização do ensino, de um lado, e formação de especialistas, nas diversas áreas do conhecimento, de outro).

IMBECIS COMPETENTES

Pelo que tudo indica, será que o mundo entrará mais eurocêntrico do que nunca naquele que todas as previsões afirmavam ser o século asiático? Será que o planeta está, como talvez jamais tenha estado antes, se entrelaçando à luz do ideal iluminista de fundar o desenvolvimento das sociedades em bases democráticas e liberais. De quebra, a teoria universalista em administração de negócios, segundo a qual as melhores técnicas de gerenciamento podem e devem ser aplicadas em qualquer companhia de qualquer país – e que o Oriente via como uma das faces arrogantes do paroquialismo americano –, está outra vez em voga.

Apesar da hegemonia do estilo ocidental, contudo, há aspectos do estilo oriental que vão sobreviver a estes tempos de provação e se integrar à essência da civilização européia. O capitalismo tem sido muito hábil em adaptar-se às transformações do ambiente em que atua, em absorver, mesmo que de projetos rivais e teorias adversárias, aquilo que é fundamental à sua sobrevivência. Essa flexibilidade inteligente é um dos aspectos mais notáveis do sistema liberal. É graças a ela que os trabalhadores ocidentais vêm ganhando direitos desde as últimas décadas do século XIX. É graças a ela, também, que vários conceitos cunhados pelo estilo oriental irão contribuir significativamente para a construção do próximo estágio do capitalismo no planeta.

Ao lado do individualismo, por exemplo, é bem possível que tenhamos o conceito de comunitarismo: um senso maior de grupo, uma percepção mais clara de que fazemos parte de um conjunto e de que não há como construir e manter um nível desejável de satisfação individual em um ambiente coletivo roto. Ao lado da consciência dos direitos civis, é provável que encaremos com maior responsabilidade nossos deveres e percebamos que as prerrogativas de todos serão tanto maiores quanto maior for a correção no cumprimento das obrigações de cada um. Ao lado da competição, mecanismo fundamental para que as economias em desenvolvimento cresçam, reduzindo os custos de produção e os preços e aumentando os salários e a qualidade dos produtos, é possível que se cultue também a idéia de cooperação. Tal idéia não apenas permite a formação de equipes de trabalho eficazes como também gera no médio prazo sociedades mais solidárias e justas.

É possível também que a especialização científica deixe de implicar a formação de imbecis competentes, que não têm a mínima idéia do todo e de como seu trabalho contribui para o progresso do ambiente em que se inserem. Talvez a grande meta da educação no século XXI venha a ser a formação de cientistas, técnicos e profissionais que, ao lado da profundidade de seus conhecimentos específicos, tenham largueza de uma visão generalista do mundo. E ainda há a maior importância dada aos resultados de longo prazo, em detrimento do curto prazo, e um maior comprometimento das companhias com o bem estar da comunidade que as acolhe, aparecendo como contribuições importantes do estilo oriental ao capitalismo do século XXI.

Um país como o Brasil precisa analisar com muito apuro todos esses movimentos. Não apenas porque sua saúde econômica imediata está em jogo mas, sobretudo, para melhor refletir sobre os modelos de desenvolvimento que se oferecem para transformá-lo de um país subdesenvolvido em uma nação com economia dinâmica e prosperidade crescente.

Temos muitas coisas em comum com o capitalismo de estilo ocidental. Afinal, fazemos parte da civilização européia – embora, como latinos, mediterrâneos, ibéricos e lusitanos, ocupemos a posição de filhos bastardos, ovelhas negras, em relação ao projeto iluminista de modernidade, do Velho Continente. Temos também, por conta de coincidências culturais e de paralelismo históricos, algumas coisas em comum com o estilo oriental. Reunir o que ambos os estilos têm de melhor seria fundar no presente a racionalidade econômica quer definirá as primeiras décadas do século XXI. Ótimo. Só que para isso as coisas em comum têm de ser coisas certas.